

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v1i1p73-89

Alex Rogério da Silva*

Palavras-chave: Mulheres, Idade Média, Cantigas

Resumo: Na Idade Média, as mulheres foram em larga medida retratadas de modo negativo, sendo caracterizadas como filhas de Eva, a pecadora, e responsável pela queda da humanidade em pecado. No entanto, no século XIII, a partir do culto mariano é possível notar deslocamento nas formas de definir as mulheres, apontando a Virgem como a redentora, a escolhida por Deus para ser a mãe do seu filho. A partir disso, a mulher deixa de ser vista em certas situações como a encarnação do mal para ser considerada um ser apto a praticar grandes virtudes cristãs. Tal culto valorizou a virgindade como forma de consagração a Deus, sensibilizando, a partir da imagem de Maria, milhares de jovens a ingressarem nas instituições religiosas católicas. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a representação das mulheres a partir da figura das monjas na Península Ibérica do século XIII. Utilizando para tal o conjunto de cantigas religiosas conhecidas como *Cantigas de Santa Maria*, compostas pelo rei D. Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela. A proposta se firma a partir do referencial teórico de Roger Chartier de Representação. Nesse sentido, procuraremos elucidar quais os motivos que levaram as mulheres a serem consideradas como filhas de Eva, quais os pecados típicos característicos do sexo feminino e o imaginário que permeia os eclesiásticos sobre tal figura. Em um segundo plano, a partir da leitura das cantigas, visa-se analisar os modelos de conduta que são desempenhados pelas religiosas e quais deles devem ser seguidos para alcançar a salvação.

* Graduando em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus Franca).

INTRODUÇÃO

À semelhança da Antiguidade greco-romana, observa-se, na Idade Média, um período dominado pelos homens: senhores feudais, cavaleiros, padres e monges. A mulher neste momento é vista, *grosso modo*, como uma criatura submissa e dependente do pai ou do marido e juridicamente tutelada. Contudo, para estudar a mulher medieval em todos os seus aspectos, deve-se ter, previamente, a consciência, conforme afirmou Duby (1990, p. 278) de que, ao discorrer sobre a mulher, estamos falando sobre os homens do mesmo período, pois, de acordo com Cristiane Klapisch-Zuber (1990, p. 15), na introdução de “História das Mulheres no Ocidente”, o fator primordial na construção da mulher é o olhar que sobre ela colocam os homens; então, ao falar da mulher medieval, falamos da imagem que fora construída dela, que se submete ao prisma da religião e conseqüentemente à adequação aos modelos de comportamento e conduta.

Estes modelos de conduta são construídos por aqueles que menos têm contato com essa figura, que são os homens da Igreja. Estes foram distanciados das mulheres com o advento da Reforma Papal que instaurou o celibato¹ ao clero. Desta forma:

(...) São, os clérigos, homens de religião e de Igreja que governam o escrito, transmitem os conhecimentos, comunicam ao seu tempo, e para além dos séculos, o que deve pensar das mulheres, da Mulher. A nossa escuta do discurso medieval sobre as mulheres é durante muito tempo tributária dos seus fantasmas, das suas certezas, das suas dúvidas. Ora, diferentemente de outras épocas, esta palavra masculina impõe de forma peremptória as concepções e as imagens que delas faz uma casta de homens que recusam a sua convivência, homens a quem o seu estatuto impõe o celibato e a castidade: por isso mesmo tanto mais ásperos em estigmatizar os seus vícios e imperfeições quanto elas lhes continuam inacessíveis na vida quotidiana; e forçando tanto mais o traço quanto as heranças do seu imaginário são largamente livrescas. (KLAPISCH-ZUBER, 1990, p. 16)

A partir disso, podemos concluir que aquilo que era dito sobre as mulheres era visto à distância, com estranheza e medo. Essas imagens eram obtidas, em grande

¹ Duby (1989, p.41) afirma que o casamento é proibido aos eclesiásticos porque a abstinência sexual pode lhes parecer a garantia de uma espécie de superioridade. Superioridade esta que os coloca no ápice de uma hierarquia das condições terrestres. Inversamente ao celibato imposto aos homens da igreja, o casamento é aconselhado aos leigos a fim de controlar a sexualidade destes e impedir, de certa forma, a devassidão.

parte, de livros que passavam pelo prisma religioso. O mais conhecido deles eram as Sagradas Escrituras. Na escrita monástica as mulheres eram classificadas de inúmeras formas: como “seres perigosos e diabólicos”, “a filha mais velha de Satã”, “possuidora de uma fé mais fraca que a do homem”, “invejosa e vingativa”, “um abismo de perdição”, entre outros.

A partir do que havia escrito sobre tal figura estabeleceu-se três grandes modelos femininos que são as personagens de Eva, Maria (Mãe de Jesus) e Maria Madalena. Eva era considerada a responsável pela queda da humanidade em pecado, assim sendo, foi por meio dela que a mulher passou a ser considerada uma criatura maléfica, repleta de vícios, capaz de levar o homem à perdição; como um ser que não possui temor, nem bondade, nem amizade. É graças a ela que pesa sobre o feminino, principalmente durante a Idade Média, a acusação de ser a “porta para o Diabo”. É através de Eva que se estabelece o “nojo” pela carne da mulher, pois esta é apresentada como um ser tentador, rastejante (tal qual a serpente que a fez cair em pecado), peste, traça, veneno que corrompe o homem bom.

Já a partir do século XII, com a ampla difusão do culto mariano², a imagem de Maria surge como a redentora da humanidade por meio do nascimento de Cristo; considerada única e sem exemplo anterior. A Virgem Mãe era tomada como modelo de pureza e santidade a ser seguido. A figura de Maria faz oposição à figura de Eva: a primeira é a mãe de todos aqueles que vivem pela graça (buscam a santidade), é a imagem da virgindade. Já a segunda é a mãe de todos aqueles que vivem e morrem pela natureza/carne (levam uma vida pecaminosa), e por fim, temos a figura de Maria Madalena, que é o exemplo de arrependimento e penitência. Ela é uma espécie de “meio termo” entre a pecadora Eva e a pura e virgem Maria. A imagem

² De acordo com Costa (2013, p. 02), a figura da Virgem Maria como executora de milagres aparece no Ocidente devido à expansão do cristianismo, que pretendia substituir, por um Deus único, os diversos deuses das religiões politeístas, sobrepondo, assim, os ritos cristãos aos ritos pagãos. Sendo assim, a exaltação de Maria tinha a finalidade de substituir todas as divindades femininas pagãs por uma só, a mãe do único Deus verdadeiro que, tal como esse, também deveria ser objeto de culto. Portanto, a “Mãe de Deus converteu-se na mãe de todos, invocada por paladins, cavaleiros e trovadores” (FIDALGO, 2002, p. 24).

da chamada “pecadora arrependida” surge como um exemplo de redenção possível, desde que haja confissão, arrependimento e penitência.

Christiane Klapisch-Zuber (1990, p. 19) afirma que tais modelos estabelecem-se principalmente a partir do século XIII e são escritos por pregadores, moralistas, pedagogos e autores de tratados de economia doméstica. Para Jacques Dalarun (1990, p. 112), o final da Idade Média é marcado por um interesse maior, por parte dos clérigos, em controlar o mundo das mulheres. Eles diziam que estas deveriam ser castas, obedientes, guardar silêncio e possuir uma reserva nas suas atitudes, gestos e modos de vestirem-se quase monacais. O estabelecimento destas virtudes visava a um controle das mulheres para, quem sabe, dessa forma, manter sob as rédeas masculinas esses seres que despertavam tanto medo nos homens medievais.

Esses modelos destacavam quais as qualidades que as mulheres ideais deveriam possuir: piedosas, principalmente aquelas que já envelhecera; as jovens ainda por casar deveriam ser comedidas nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções. As mulheres deveriam falar baixo, não rir, pois o riso lhes era proibido. Às mulheres decentes era permitido somente esboçar um leve sorriso, deveriam ser atenciosas ao marido, comer pouco e mover-se de forma contida. Deveriam manter também seus pensamentos ocupados por meio do trabalho. Ainda sobre o que se esperava e se recomendava que as mulheres fizessem:

(...) Padres e guerreiros esperavam da dama que, depois de ter sido filha dócil, esposa clemente, mãe fecunda, ela fornecesse em sua velhice, pelo fervor da sua piedade e pelo rigor de suas renúncias, algum bafio de santidade à casa que a acolhera. Era o dom último que ela oferecia a esse homem que a deflorara bem jovem, que se abrandara em seus braços, cuja piedade se reavivara com a sua e que depositara numerosas vezes em seu seio o germe dos rapazes que mais tarde, na viuvez, a apoiariam e que ela ajudaria com seus conselhos a conduzirem-se melhor. Dominada, por certo. (DUBY, 1997, p.: 155)

Em consequência disso, podemos afirmar que eram palavras comuns ao cotidiano feminino: castidade, sobriedade, modéstia, silêncio, trabalho, misericórdia, custódia. Estas palavras marcaram o período medieval no que diz respeito ao gênero feminino, embora essa não fosse a realidade destas mulheres, mas sim a maneira como se pensava que elas deveriam ser e agir. O falar sobre e para as mulheres é a forma através da qual temos acesso àquilo que se pensava

acerca do feminino, bem como às construções que foram feitas em torno destes modelos e imagens.

OS PECADOS DAS MULHERES

Pode-se dizer que, devido à natureza feminina apresentada como sendo inferior à do homem e, portanto, mais fraca e propensa a cair em pecado, muitas eram as faltas cometidas pelas mulheres.

Primeiramente, Duby (2001, p. 78) nos diz que um dos grandes pecados femininos era o uso da feitiçaria, principalmente quando esta era usada para enfeitiçar os homens com a finalidade de dominá-los. Acreditava-se que o pecado da feitiçaria estava associado ao da incredulidade, pois o primeiro seria um desdobramento do segundo.

Os abortos e a contracepção também eram considerados pecados exclusivamente femininos, pois, para Richards (1993 p. 125), a Igreja considerava o controle da natalidade como um pecado grave, e aquela que o praticasse era considerada homicida. Com isso, os penitenciais do período condenavam tal ato.³

Vinculada a esta falta está também a negligência em relação aos filhos. Carla Casagrande (1990, p. 127) afirma que outro pecado cometido pelas mulheres era o da gula, pois o excesso de comida, condimentos e bebidas poderia excitar a mulher ao ponto de levá-la à luxúria incontrolada. Por este motivo, nas leituras dirigidas às mulheres, eram incentivados a sobriedade e o uso moderado dos alimentos e bebidas.

A mulher, sobretudo a mulher ainda jovem, quando não se encontrava sob o olhar zeloso de um homem, que a mantinha sob sua custódia, escreve Duby (1988, p. 110), cai naquele que é considerado o pecado feminino por excelência: a luxúria, a busca pelo prazer. Este mesmo autor afirma que:

(...) queima-as um desejo que, fracas demais, custam a dominar. Ele as conduz diretamente ao adultério. Diante do marido que as solicita,

³ Segundo Pilosu (1995, p. 67), a mulher que tenha sofrido um aborto espontâneo dentro dos quarenta dias que seguem a concepção deve fazer penitência por cerca de um ano; já aquela em que o aborto ocorre após estes quarenta dias deve ser penitenciada por um período de três anos.

fecham-se reprimindo seu ardor. Em compensação, insatisfeitas, correm atrás dos amantes. (DUBY, 2001, p.: 14).

A solução para este pecado está no casamento, pois o “bom casamento” seria o remédio para acalmar os desejos da carne. Delumeau (1989, p. 312) afirma que a sexualidade é o pecado por excelência, portanto a solução para esta falta seria o “bom casamento”, que tem como características o amor verdadeiro entre os cônjuges e a moderação dos sentimentos carnis.

Ainda visando o controle da esfera feminina, escreve Klapisch-Zuber (1990, p. 20) que a Igreja atacou de forma crescente o vestuário e os adornos usados pelas mulheres, principalmente a partir do século XIII, quando o corpo da mulher passou a ser visto como um instrumento de perdição e símbolo do pecado original. Nesse sentido, Delumeau (1989, p. 326) afirma que um dos grandes pecados das mulheres é a vaidade, pois, de acordo com este autor, a mulher se “enfeitava” para atrair os homens para o inferno. Isto fica evidente no seguinte excerto do *Malleus Maleficarum*⁴:

Ela atrai os homens por meio de chamarizes mentirosos a fim de melhor arrastá-los para o abismo da sensualidade. Ora, ‘não há nenhuma imundice para a qual a luxúria não conduza’. Para melhor enganar, ela se pinta, se maquia, chega até a colocar na cabeça a cabeleira dos mortos. (KRAMER; SPRENGER, apud DELUMEAU, 1989, p.: 323).

Casagrande (1990, p. 131) nos diz que o pecado da vaidade praticado pelas mulheres, através dos adornos e do vestuário, levava a comunidade a uma desordem, uma vez que despertava o desejo dos homens. A beleza feminina seduzia, encantava e corrompia os sentidos um após o outro e por este motivo as mulheres eram vigiadas e mantidas sob constante repressão (BLOCH, 1995, p.: 68).

⁴ *Malleus Maleficarum* (ou *O Martelo das Bruxas* ou ainda *O Martelo das Feiticeiras*) é uma espécie de manual de diagnóstico para bruxas, publicado em 1487, de autoria de Heinrich Kramer e Jacobus Sprenger. Dividido em três partes, a primeira ensinava os juízes a reconhecerem as bruxas em seus múltiplos disfarces e atitudes; a segunda expunha todos os tipos de malefícios, classificando-os e explicando-os; e a terceira regrava as formalidades para agir “legalmente” contra as bruxas, demonstrando como processá-las, inquiri-las, julgá-las e condená-las. Os autores oferecem um guia passo a passo sobre como conduzir o julgamento de uma bruxa, desde a reunião de provas até o interrogatório (incluindo técnicas de tortura).

Podemos afirmar que, por ser a mulher a “portadora da luxúria”, ela estava mais propensa à prática do meretrício⁵. Pilosu (1995, p. 112) afirma que a prostituição fazia parte dos pecados que poderiam ser incluídos na categoria da luxúria e esta, por sua vez, engloba uma série de outros comportamentos de desordem sexual. Pilosu (1995, p. 120) afirma ainda que essas mulheres eram vistas como “devoradoras de homens” e possuidoras de uma essência voltada para a promiscuidade.

AS MONJAS NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA

Antes de qualquer coisa, temos que colocar as monjas em um primeiro plano como mulheres, e, com isso, suscetíveis aos pecados a que todas as outras estão sujeitas.

No cancionero mariano, vemos que nas cantigas que se remetem às monjas e abadessas é frequente a tipologia dos pecados, levando-se em conta o código moral da época. Essas “infrações” se desenvolvem dentro de uma estrutura narrativa que demanda a intervenção da Virgem Maria em socorro da monja devota, embora “pecadora”.

O cancionero mariano é composto por 420 cantigas e, em onze delas, narra milagres envolvendo monjas e abadessas. Em um primeiro grupo, que compreende oito delas, o pecado cometido é o pecado da carne ou sua intenção. As três cantigas restantes formam um segundo grupo que não se vincula a tal pecado, de modo que o milagre acontece sem que as monjas ou abadessas tenham cometido qualquer desvio.

⁵ Durante o período medieval, a prostituição era apresentada sob o prisma de uma moral dupla, de um mal necessário. Esta possui uma dupla moral na medida em que se trata de um pecado da carne, uma vez que, durante esta prática, o sexo é realizado fora do casamento e não visa à procriação; contudo, este pecado torna-se socialmente tolerado, por ser uma forma de “escoamento” das energias masculinas e, assim sendo, preserva a dignidade e a integridade das mulheres honestas, sejam elas virgens, viúvas ou casadas.

Isso nos sugere que o autor, ou os autores⁶, reafirmavam a ideia de que a luxúria era o único pecado cometido por uma religiosa, ou o pior deles. Aos olhos dos clérigos da época, e conseqüentemente do código moral vigente, o maior pecado era atentar contra a ligação entre a alma e Deus. No caso das mulheres, isso significava retomar a posse de seus próprios corpos, desprezando a importância da virgindade e ignorando o rigor com que seriam punidas caso rompessem tal obrigação. É isso que confirma o conteúdo das Cantigas de Santa Maria analisadas a seguir.

O PECADO DAS MONJAS NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA

Analisaremos duas cantigas para ilustrar as observações acerca das mulheres/monjas nas Cantigas de Santa Maria. A primeira delas é a Cantiga 55, que trata de um milagre da Virgem envolvendo uma monja.

Cantiga 55: Atant' é Santa Maria

Esta é como Santa Maria serviu pola monja que se fora |
do mōesteyro e e lli criou o fillo que fezera alá andando.

*Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,
que mui d' anvidos s' assanna | e mui de grado perdõa.*

Desto direi un miragre | que quis mostrar en Espanna
a Virgen Santa Maria, | piadosa e sen sanna,
por hũa monja, que fora | fillar vida d' avol manna
fora de seu mōesteiro | con un preste de corõa.
Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

Esta dona mais amava | d'outra ren Santa Maria,
e porend' en todo tempo | sempre sas oras dizia
mui ben e conpridamente, | que en elas non falía
de dizer prima e terça, | sesta, vespervas e nõa.
Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

⁶ A autoria das Cantigas de Santa Maria é atribuída a D. Afonso X, Rei de Leão e Castela, entretanto, tal obra foi produzida em seu *scriptorium*, onde estavam concentrados não só poetas, mas também desenhistas, miniaturistas, músicos e tradutores de várias origens, sem falar dos mestres em todas as artes liberais e também dos sábios de coisas do oriente. Esse conjunto de colaboradores do rei Afonso X, são formados em três culturas diferentes – a muçulmana, a judaica e a cristã. A partir disso, há pesquisas filológicas que mostram que algumas cantigas, foram realmente escritas pelo Rei Sábio: outras eram narrativas que já circulavam pela Europa Medieval através de escritos de Gautier de Coincy e Gonçalo de Berceo, sendo realizada assim uma compilação de tal narrativa e adicionada ao códice afonsino, por seus colaboradores em seu *scriptorium*.

Compretas e madodinnos | ben ant' a ssa majestade.

Mais o demo, que sse paga | pouco de virgĩidade,
fez, como vos eu ja dixei, | que sse foi con un abade,
que a por amiga teve | un mui gran tenp' en Lisbõa.

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

Ambos assi estiveron | ta que ela foi prennada;
enton o crerig' astroso | leixou-a desanparada,
e ela tornou-sse logo | vergonnosa e coitada,
andando senpre de noite, | come sse fosse ladrõa.

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

E foi ao mõeiteiro | ali onde sse partira,
e falou-ll' a abadessa, | que a nunca mēos vira
ben des que do mõeiteiro | sen ssa lecença sayra,
dizendo: “Por Deus, mia filla, logo aa terça sõa.”

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

E ela foi fazer logo | aquelo que lle mandava;
mas de que a non achavan | mēos sse maravillava,
e dest' a Santa Maria | chorando loores dava,
dizendo: “Bêeita eras, | dos pecadores padrõa.”

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

Estas loores e outras | a Santa Maria dando
muitas de noit' e de dia, | fois-sse-ll' o tenpo chegando
que avia d'aver fillo; | e enton sse foi chorando
pera a ssa majestade, | e como quen sse razõa

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

Con sennor, assi dizia, | chorando mui feramente:
“Mia Sennor, eu a ti venno | como moller que se sente
de grand' erro que á feito; | mas, Sennor, venna-ch' a mente
se che fiz algun serviço, | e guarda-me mia pessõa

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

Que non caia en vergonna, | Sennor, e alma me guarda
que a non lev' o diablo | nen eno inferno arda.
Esto con medo cho peço, | ca eu sõo mui covarda
de por nulla ren rogar-te, | mas peço-ch' esto por dõa”.

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

Quand' ela est' ouve dito, | chegou a Santa Reĩa
e ena coita da dona | pos logo ssa meezyнна,
e a un angeo disse: | “Tira-ll' aquel fill' agynna
do corp' e criar-llo manda | de pan, mais non de borõa.”

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

Foi-ss' enton Santa Maria, | e a monja ficou sãa;
e cuidou achar seu fillo, | mais en seu cuidar foi vãa,
ca o non viu por gran tempo, | senon quand' era ja cãa,
e por el foi mas coitada | que por seu fill' é leõa.

Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

Mais depois assi ll' avêo | que, u vespervas dizendo
estavan todas no coro | e ben cantand' e leendo,
viron entrar y un moço | mui fremsyô correndo,
e cuidaron que fill' era | d' infançon e d' infançõa.
Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

E pois entrou eno coro, | en mui bõa voz e crara
começou: “Salve Regina”, | assi como lle mandara
a Virgen Santa Maria | que o gran tenpo criara,
que aos que ela ama | por ll' errar non abaldõa.
Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

A monja logo tan toste | connoceu que seu fill' era,
e el que era ssa madre; | e a maravilla fera
foi enton ela mui leda | poi-ll' el diss' onde vëera,
dizendo: “Tornar-me quero, | e leixade-m' yr, varõa.”
Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

Mantenent' aqeste feito | soube todo o convento,
que eran y ajuntadas | de monjas mui mais ca cento,
e loaron muit' a Virgen | por aqeste cousimento
que fezera, cujos feitos | todo o mund' apregõa.
Atant é' Santa Maria | de toda bondade bõa,...

A cantiga nos mostra uma monja que, ao sair várias vezes de seu mosteiro, toma contato com um abade de Lisboa e, sendo tentada pelo demônio, torna-se “amiga” (amante) deste. Comete o pecado carnal e engravida. Ao saber da gravidez da monja, o abade a deixa. A monja desamparada, com vergonha e arrependida dos seus pecados, percorre as ruas somente à noite, como se fosse uma ladra devido à tamanha vergonha que sentia. Santa Maria intercede pela monja, perdoando-a pelo seu pecado. E, chorando, a monja a louva incessantemente.

Durante a gravidez, a monja pede pela intercessão da Virgem, chorando arrependida de seus pecados, pedindo para que não caia em vergonha e que não arda no inferno. Santa Maria roga por ela, pois assim que o menino nasce é levado para ser criado em outra família e assim a monja continua no mosteiro, reservada de toda vergonha e pecado.

A cantiga narra o pecado da monja. Pecado este considerado por Duby (1988, p. 110) como feminino por excelência, por ter quebrado o voto de castidade, efetivado junto ao mosteiro. Contudo, Santa Maria roga pela monja, salvaguardando-a da vergonha e do pecado. Nas narrativas medievais, é recorrente

e marcante a chamada “Doutrina da Compunção”⁷, ou seja, o estímulo ao ato das lágrimas sendo que nesta cantiga, o choro é visível em vários momentos, principalmente nos de arrependimento e louvor à Virgem pelas graças alcançadas.

Outra cantiga escolhida para demonstrar a mesma tipologia de transgressão cometida por uma monja é a de número 285.

Cantiga 285: Do dem' a perfia

Como Santa María fez aa monja que non quis por ela leixar de s' ir con um cavaleiro que se tornass' a súa ôrdin, e ao cavaleiro fez outrossí que fillasse religiõn.

*Do dém' a perfia
nona tóll' outra cousa | come Santa María.*

Dest' un fremoso miragre vos quér' éu óra contar
que por ùa monja fazer quis a Santa Reínna,
que, per com' éu aprendí, éra de mui bon semellar
e de fremoso parecer e apósta mininna;
e gran crerizía
e grand' ordinnamento | esta dona avía,
e demais sabía
amar mais d' outra cousa | a Virgen que nos guía.
Do dém' a perfía...

Sen tod' esto de linnage muit' alt' éra, e mellor
falava d' outra mollér. E por aquesto a essa
fillou por sa companneira e por sa aguardador,
porque muito a preçava de sen, a abadessa;
e u quér que ía
ja mais aquela monja | nunca de si partía,
ante a metía
en todo-los séus feitos | cada que os fazia.
Do dém' a perfía...

⁷ Segundo Candolo (2008), a *Compunção das Lágrimas*, surge em um contexto cujos primeiros expoentes são os chamados Padres do Deserto, que criaram e cultivaram uma doutrina sobre a compunção denominada, em grego, *Penthos*. Essa doutrina constitui um verdadeiro estímulo ao ato das lágrimas; na verdade, trata-se de mais que simples “estímulo”. O *Penthos*, ou doutrina da compunção, é um tema largamente citado e desenvolvido nos tratados de vida ascético-contemplativa, de orientação para a vida prática do cristão, ensinando-o a levar uma vida verdadeiramente cristã, indo ao encontro da salvação de sua alma e união com o Cristo. A principal assertiva do *Penthos* é a necessidade das lágrimas, frisada a um ponto que, já no início de confecção da doutrina da compunção e lágrimas, passam a ser confundidas e tornam-se sinônimos. Entre seus continuadores latinos e vernaculares, o *Penthos* passa a ser denominado de “dom de lágrimas”.

Un sobriñn' est' abadessa aví', a que mui gran ben
quería, que éra menínn' e apóst' e fremoso.
Este, des que viu a monja, quis-lle mellor d' outra ren,
e en guisar que a ouvésse foi tan aguçoso,
que non éra día
que ll' el muitas vegadas | sa coita non dizía
e lle prometía
que se con el se fosse, | con ela casaría.
Do dém' a perfía...

E demais que grand' erdade lle daría e aver
e a terría sempr' onrrada, rica e viçosa,
e que nunca del pesar recebería, mais prazer.
E tanto lle diss' a questo, que ela saborosa
foi e d' alegría
lle jurou en sas mãos | que con ele s' iría
e que leixaría
lóg' aquel mōesteiro, | u al non avería.
Do dém' a perfía...

Essa noit' aquela monja todas sas cousas guisou
por se con séu amigo ir; mais en ũa capéla
da Virgen Santa Marí' ant' o altar s' agēollou,
chorand' ant' ũa sa omagen que éra mui béla,
e se ll' espedía.
Mas quando foi na pórtá, | per ela non podía
saír, ca vía
deant' a magestade | que ll' a pórtá choía.
Do dém' a perfía...

Desto foi tan espantada e ouve pavor atal,
que se foi quanto ir mais pode ao dormidoiro.
Mai la Virgen groriosa, Reínna esperital,
fezo que a el essa noite enganou agoiro,
e foi-se sa vía,
maldizando quen nunca | por mollér creería.
E ela jazía
coitada en séu leito, | que per ren non durmía.
Do dém' a perfía...

Outro día gran mannãa, atanto que a luz viu,
a abadessa se levou e a monja con ela.
E lóg' aquel séu amigo vëo, que ll' arreferiu
como non saiu a ele, de que mui gran querela
sempr' aver devía;
mas ela lle jurava | que mui mal se sentía,
pero todavía,
quando vëéss' a noite, | que pera el ir-s-ía.
Do dém' a perfía...

Pois vëo a outra noite, como na primeira fez
 e por ir-s' ende sa carreira foi aa eigreja;
 e quando s' ên quis saír, a Virgen santa do bon prez
 parou-se-ll' en cruz ena pórtá e disse: “Non seja
 que tan gran folía
 faças contra méu Fillo | nen tan grand' ousadía,
 ca éu non sería
 tẽuda de rogar-lle | por ti, nen m' oiría.”
Do dém' a perfía...

A monja con mui gran coita de con séu amigo s' ir,
 macar de noit' aa igreja foi; na magestade
 sól mentes non quis tẽer, ante foi a pórtá abrir
 e saiu per ela e foi-se. E fez i maldade;
 mais muit' ên prazía
 a aquel séu amigo, | e ben a recebía
 e lógo tragía
 un palafrên mui branco | en que a el subía.
Do dém' a perfía...

Poi-la levou a sa térra e con ela juras pres,
 mui ben ll' ouve comprid' aquilo que lle convẽera;
 aínda mui mais lle déu, que ante que passass' un mes
 a fez sennor de sa erdade, mais ca ll' el disséra.
 E ela vivía
 a mais viçosa dona | que viver podería,
 e quanto quería
 tod' aquel séu amigo | lle dava e compría.
Do dém' a perfía...

Assí ambos estevéron viçosos a séu talán,
 e Déus sofreu que ouvæssen fillos muitos e fillas
 mui grandes e mui fremosos. Mas a Virgen, que mui gran
 pesar ouve daqueste feito, fez i maravillas,
 que aparecía
 a ela en dormindo | e mal a reprendía
 dizendo: “Sandía,
 e como começaste | atán gran bavequía
Do dém' a perfía...

En leixar téu mōesteiro u vivías, com' éu sei,
 mui ben e muit' onrradamente, e ir ta carreira
 e desdennares a mi e a méu Fill', o santo Rei,
 e non averes vergonna en niũa maneira?
 Por est' éu terría
 por ben que te tornasses | pera a ta mongía,
 e éu guisaría
 lógo con Déus, méu Fillo, | que te perdōaría.”
Do dém' a perfía...

A dona daqueste sonno foi espantada assí
que tremendo muit' e chorando diss' a séu marido
toda a visôn que vira. E per quant' éu aprendí,
quiso Déus que da sa graça foss' ele ben comprido,
e o que ll' oía
todo llo outorgava; | e dela se partía
e d' outr' abadía
religiôn fillava, | en que a Déus servía.
Do dém' a perfía...

Nessa cantiga, temos a história de um jovem, sobrinho da abadessa, que se apaixonou por uma monja do mosteiro onde a tia é responsável. Canta seus sentimentos à religiosa, dizendo que se casaria com ela.

A monja tenta fugir do mosteiro com o rapaz, quebrando assim o pacto que havia feito com seu Esposo Celestial e Santa Maria. Entretanto, antes de ir, vai à capela chorando diante da imagem da Virgem, que se diz ser muito bela, reza, mas ao tentar sair, não consegue, pois a Virgem a tranca. Espantada, a monja volta para o seu dormitório, onde Santa Maria aparece em sonho, anunciando um presságio.

Há uma segunda tentativa de fuga, mas Santa Maria aparece à monja perguntando o motivo de tal loucura e com isso, a monja desiste momentaneamente de seu propósito; entretanto, na terceira vez, ela foge com o “amigo”, casam-se, têm filhos que, segundo a cantiga, crescem formosos.

Em uma noite, Santa Maria aparece novamente à monja através de um sonho, indagando-a sobre a razão de ter saído do mosteiro. A monja acorda espantada, tremendo e chorando, conta tudo o que houve ao marido e os dois chegam a um acordo: vão se dedicar a Deus, ela no mosteiro em que estava, e ele em um mosteiro masculino.

Nesta cantiga constatamos, como na anterior, a concretização do pecado carnal por parte da monja, mesmo com as aparições da Virgem nos sonhos à

maneira da “Visão de Túndalo”⁸, ao trancá-la na capela e ao indagá-la da loucura que estava prestes a cometer. Todavia, a monja, ao ter uma segunda visão da Virgem em seu sonho, depois de casada, se arrepende, conta todo o ocorrido ao seu marido, que concorda em se enclausurar no mosteiro e dedicar-se à vida religiosa. Em relação aos filhos, não há qualquer indicação de como viveram a partir do momento que seus pais decidiram seguir a vida religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, pode-se dizer que DUBY (1990, p. 278) sintetizou bem quando disse que, ao falar sobre a mulher medieval, destaca-se mais sobre o homem desse mesmo período, sobre os seus temores e receios, suas dúvidas e suas expectativas. Fala-se também da expectativa em relação ao comportamento da mulher, das imagens que se faziam/construíam dela, sem qualquer veleidade de querer chegar à mulher de fato. A literatura do período desenvolveu uma série de modelos e classificações aos quais as mulheres deveriam adequar-se. Entretanto, cabe ressaltar que a literatura monástica medieval apresentou a mulher como sendo uma criatura perversa, repleta de pecados e que visava seduzir o homem e levá-lo para o inferno.

As imagens/impressões a respeito do feminino são encontradas, principalmente, na iconografia e na literatura; estas são fontes para obtenção do retrato moral desejado. A imagem que se tinha da mulher mostrava como esta deveria ser e agir (aquilo que se falava/pensava a respeito do feminino); portanto, o que se tem é o ponto de vista masculino sobre a mulher.

As monjas aqui mencionadas são um exemplo disso. As cantigas mostram os desvios das monjas e a misericórdia da Virgem em perdoar e guardá-las de cair em

⁸ De acordo com Oliveira (2012, p. 68-69), a *Visão de Túndalo* é uma viagem imaginária que nos oferece uma descrição da geografia simbólica do Além, dividido em Inferno, Purgatório e Paraíso. O Além foi um dos temas utilizados pela Igreja Católica para difundir as glórias e as punições que os cristãos estariam sujeitos se não cumprissem com as doutrinas religiosas indicadas por esta instituição. Vários relatos sob a forma de visão foram difundidos pelos clérigos durante a Idade Média, com o objetivo de fornecer modelos de comportamento para obtenção da salvação.

vergonha frente à sociedade da época, representada na maioria dos casos como o conjunto do mosteiro onde a monja vivia. Tais narrativas que as cantigas retratam fazem parte de uma pedagogia do Sagrado, a qual além de entreter, mostrava modelos de conduta e comportamento a serem seguidos pelas mulheres para alcançar a salvação.

FONTE TEXTUAL E SUAS EDIÇÕES

AFONSO X, o Sábio. *Cantigas de Santa Maria*. Edição crítica de Walter Mettmann. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis / Atlântida, 1959-1972. 4 v.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental* (tradução de Cláudia Moraes). Rio de Janeiro: 34, 1995.

CANDOLO, Teresa. *Desejo de Deus e lágrimas – uma chave de leitura monástica para textos de espiritualidade medievais*. Comunicação apresentada no XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências - 13 a 17 de julho de 2008 na USP – São Paulo, Brasil.

CASAGRANDE, Carla. *A Mulher sob Custódia*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs). *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 02: A Idade Média. Trad: (tradução portuguesa com revisão científica de Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota). Porto: Edições Afrontamento, p. 99-141, 1990.

COSTA, Daniel Soares de. *As Cantigas de Santa Maria como corpus para a análise linguística*. IN: Revista Intertexto, v. 6, nº 1, 2013.

DALARUN, Jacques. *Amor e Celibato na Igreja Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. Trad. de Maria Lúcia Machado. Trad. das notas: Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, Georges. *Damas do Século XII: Eva e os Padres*. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Damas do Século XII: a Lembrança das Ancestrais*. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *O Cavaleiro, a Mulher e o padre: o Casamento na França Feudal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

_____. *Idade Média, Idade dos Homens: do Amor e outros Ensaios*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____; PERROT, Michelle (Orgs). *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 02: A Idade Média. Trad: (tradução portuguesa com revisão científica de: Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota). Porto: Edições Afrontamento, 1990.

FIDALGO, E. *As Cantigas de Santa Maria*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2002.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Introdução. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs). *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 02: A Idade Média. Trad: (tradução portuguesa com revisão científica de: Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota). Porto: Edições Afrontamento, p. 9-23, 1990.

PILOSU, Mario. *A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, Desvio e Danação – As minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1990.